

ERA UMA VEZ
UM REI QUE abraçou
o MAR



JOSÉ JORGE
LETRIA



AFONSO
CRUZ

OFICINA
DO LIVRO

Aquele que viria a ser o décimo terceiro rei de Portugal, com o cognome de *Príncipe Perfeito*, nasceu em Lisboa, no Paço das Alcáçovas, no Castelo de São Jorge, a 3 de Maio de 1455. Filho de D. Afonso V e de D. Isabel, D. João II foi o rei que, mesmo em terra, quis abraçar o mar, com os braços do sonho e da vontade férrea de fazer cumprir o destino de um povo.

Cedo revelou dotes de inteligência e de carácter que o talhavam como poucos para as duras tarefas da governação. O seu pai era um rei guerreiro, que sentia mais vocação para definir a estratégia nos campos de batalha do que para organizar o poder do Estado. Com D. Afonso V a combater nas praças do Norte de África ou nas terras de Castela, a regência de Portugal foi entregue a D. João antes de ele ser coroado rei, ainda muito jovem, assumindo por isso responsabilidades de governação. Mas não se queixava do peso dessa tarefa.

— Se é essa a vontade de meu pai, de Deus e do meu povo, então é assim que agirei, tentando fazer sempre o que for mais certo, mais justo e melhor para os Portugueses.

E, que se saiba, nunca faltou a esse compromisso, nem traiu essa jura.

Queria abraçar o MAR



O príncipe D. João casou-se ainda adolescente com D. Leonor de Viseu, filha do infante D. Fernando e, portanto, sua prima direita, que quatro anos mais tarde daria à luz o único filho do casal, D. Afonso, que viria a ter um fim prematuro e trágico, deixando Portugal sem sucessão directa. Como se vê, tudo aconteceu muito cedo e de forma intensa na sua vida.

A firmeza do seu carácter, a sua visão de futuro e a ideia que tinha para o desenvolvimento de Portugal tornaram-no, desde muito novo, mais temido do que amado, não pelo povo, mas pela grande nobreza, que não perdia uma oportunidade para aumentar o seu poder, tirando partido das frequentes ausências do rei.

— **Se esta gente imagina que me vence pela intriga e pela conspiração, não sabe quem tem pela frente. Ainda não perceberam que eu sou antes quebrar que torcer e que conheço muito bem os meus poderes e a legitimidade que tenho para os exercer** — desabafou certo dia o príncipe herdeiro com sua mulher, D. Leonor.

Boa conhecedora do espírito dominante entre os nobres mais ambiciosos e ricos, D. Leonor avisou o marido:

— Faz aquilo que a tua consciência te dita, porque é esse o caminho certo, mas acautela-te, João, que essa gente é perigosa e só terá descanso quando te vir afastado e vencido.

Desde muito novo, o príncipe acompanhou o pai nas duras e sangrentas campanhas do Norte de África, sendo armado cavaleiro logo após a tomada de Arzila, no dia 21 de Agosto de 1471. Contava então apenas dezasseis anos.

D. Afonso V
a combater nas praças,
do Norte de Africa.



As qualidades indiscutíveis do jovem regente deixam descontentes o duque de Bragança e os que o apoiam, pois entendem que deve ser outro o modo de governar a nação.

D. João sabe que se conspira contra ele e permanece atento, estando pronto a agir. O tempo e a responsabilidade fazem dele um homem e, além disso, um governante capaz de tomar grandes decisões nas horas difíceis, sempre com os olhos postos no futuro.

Mesmo sendo regente, D. João responde ao pedido de apoio de seu pai, partindo para Castela durante alguns meses, a fim de combater a seu lado. Vendo-se forçado a designar substituto, entrega a regência a D. Leonor, sua mulher, a quem confia tão pesada tarefa com as seguintes palavras:

— Embora o reino de Portugal esteja sempre em primeiro lugar, neste momento devo ajudar o rei meu pai, cuja posição está enfraquecida. Peço-te que tomes o meu lugar até à hora do regresso e que o faças inspirada por Deus e pelo amor que nos une.

Começando por intervir no cerco de Zamora, a participação de D. João é decisiva para a posterior derrota de D. Fernando, *o Católico*, na batalha de Toro. Mas D. Afonso V, cujo sonho de unir a Península Ibérica, em termos militares e políticos, cai de vez por terra, decide partir rumo a França para conseguir o apoio de Luís XI.

D. Leonor ficou a terminar conta da

REINON



Contudo, primeiro entrega o reino, de facto, ao filho João, que acaba por ser coroado, aos vinte e dois anos, em Santarém. Dá-se, no entanto, uma inesperada reviravolta com o regresso de D. Afonso V, a quem o filho devolve de imediato o trono, ocupado legitimamente durante escassos dias.

O príncipe só se tornará D. João II, efectivo e legítimo rei de Portugal, depois de tantas peripécias, incertezas e sobressaltos, quando o pai morre, aos 49 anos, em Agosto de 1481, no Paço de Sintra.

Como relata um cronista da época, Rui de Pina, o novo rei enfrenta «com genuíno pesar a morte do pai, recolhendo-se durante três dias na câmara fúnebre, vestido de burel, para o chorar e para pensar», por certo, o que iria ser, entretanto com ele no trono, o futuro de Portugal.

Terminado o luto, envergou as roupagens ricas e vistosas que por direito deve usar um monarca e foi aclamado pela nobreza, pelo clero e pelo povo, embora a ambição dos nobres, logo nesse dia, tenha deixado as portas abertas ao veneno da conspiração.

— **Eu próprio resolverei por minhas mãos o que tiver de ser resolvido** — avisou, em tom ameaçador, o novo monarca, que contava vinte e seis anos e tinha pela frente catorze para governar e para dar a Portugal o destino que nada nem ninguém poderia recusar-lhe, através das rotas oceânicas, rumo a África, ao Brasil e à Índia.

Como muito poucos antes ou depois dele, D. João II sabia bem o que queria, porque tinha um sonho para Portugal e um sentido de missão que em cada dia lhe renovavam a vontade e a energia.